

IMAGEM CORPORAL EM HOMENS CISGÊNERO GAYS/BISSEXUAIS

Maurício Almeida

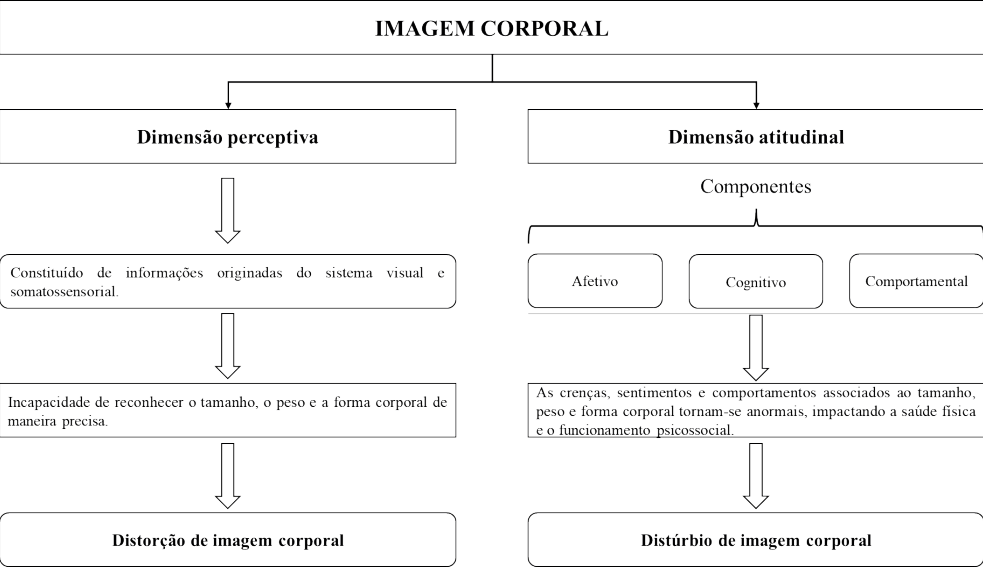
Pedro Henrique Berbert de Carvalho

A imagem corporal tem sido compreendida como a imagem que o indivíduo tem do tamanho, da forma e dos contornos corporais, bem como os sentimentos associados a essas características e as partes que as constituem (Slade, 1994). Este é um construto complexo e multifacetado que pode ser influenciado por uma série de características biológicas, psicológicas e sociais, como, por exemplo, a cultura, a cor/raça, o status socioeconômico, o sexo, a identidade de gênero e a orientação afetivo-sexual (Cash, 2004; Grogan, 2016; 2021). Realmente, ela não é uma construção apenas cognitiva, mas também um reflexo dos desejos, das emoções e da interação social (Schilder, 1994).

Devido a sua apresentação multidimensional, autores concordam em dividir a imagem corporal, para fins de estudo e pesquisa, em duas dimensões, a saber, perceptiva e atitudinal (Figura 2) (Cash; Pruzinsky, 2002; Cornelissen *et al.*, 2019). A dimensão perceptiva está associada à acurácia ou inacurácia com que uma pessoa reconhece as dimensões físicas do próprio corpo, incluindo o tamanho, o peso e a forma corporal (Cash; Pruzinsky, 2002). Salienta-se que esse processo não é constituído apenas pelo sistema visual, mas em conjunto com outras informações somatossensoriais, incluindo aspectos exteroceptivos, propioceptivos e interoceptivos, que em conjunto permitem uma representação neural do corpo na área parietal do córtex cerebral (Coelho; Portugal, 2021; Thurm *et al.*, 2020). A incapacidade de reconhecer o corpo de forma precisa, levando a sub (isto é, hipoesquematia) ou superestimação (isto é, hiperesquematia) do tamanho e da forma corporal tem sido descrita na literatura especializada como distorção da imagem corporal (Coelho; Portugal, 2021; Thurm *et al.*, 2020).

Por sua vez, a dimensão atitudinal tem sido subdividida em três componentes: afetivo, cognitivo e comportamental (Cash, Pruzinsky, 2002; Cornelissen *et al.*, 2019; Thurm *et al.*, 2020). O componente afetivo relaciona-se aos sentimentos positivos e/ou negativos relacionados ao corpo e/ou aparência corporal (por exemplo, satisfação e insatisfação corporal) (Cash, Pruzinsky, 2002; Thurm *et al.*, 2020). O componente cognitivo pode ser caracterizado pelas crenças, pensamentos e representações mentais relacionadas ao corpo (por exemplo, crença de que se está gordo[a]) (Cash, Pruzinsky, 2002; Thurm *et al.*, 2020). Por fim, o componente comportamental relaciona-se a uma série de atitudes e comportamentos associados ao corpo e a aparência física (por exemplo, comportamentos de evitação e checagem corporal) (Cash, Pruzinsky, 2002; Thurm *et al.*, 2020). Essas definições apresentam um caráter prático e teórico; pois, em caso de tratamento é importante compreender quais aspectos da imagem corporal são sensíveis às intervenções, de modo que alguns componentes são menos susceptíveis a mudanças (Thompson, 2004).

Figura 2 – Esquema ilustrativo da composição da imagem corporal



Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

Ao adentrar o contexto clínico e epidemiológico, o componente afetivo da imagem corporal tem sido o mais investigado, mais precisamente a insatisfação corporal – crenças e sentimentos negativos que uma pessoa tem sobre o próprio corpo (Grogan, 2021; Karazsia; Murnen; Tylka, 2017; Paterna *et al.*, 2021). De fato, existe uma preocupação crescente com a insatisfação corporal no contexto da saúde coletiva, visto que ela tem sido descrita como um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento de uma série

de doenças, incluindo psicopatologias como os TAs e os transtornos dimórficos corporais (Rodgers *et al.*, 2023). Autores salientam que os distúrbios de imagem corporal, como é o caso da insatisfação corporal, devem ser vistos como um problema de saúde mental em um nível global (Blundell *et al.*, 2024; Rodgers *et al.*, 2023). Rodgers *et al.* (2023) destacam a necessidade emergente de intervenções preventivas que promovam a redução da insatisfação corporal em diferentes populações e contextos culturais.

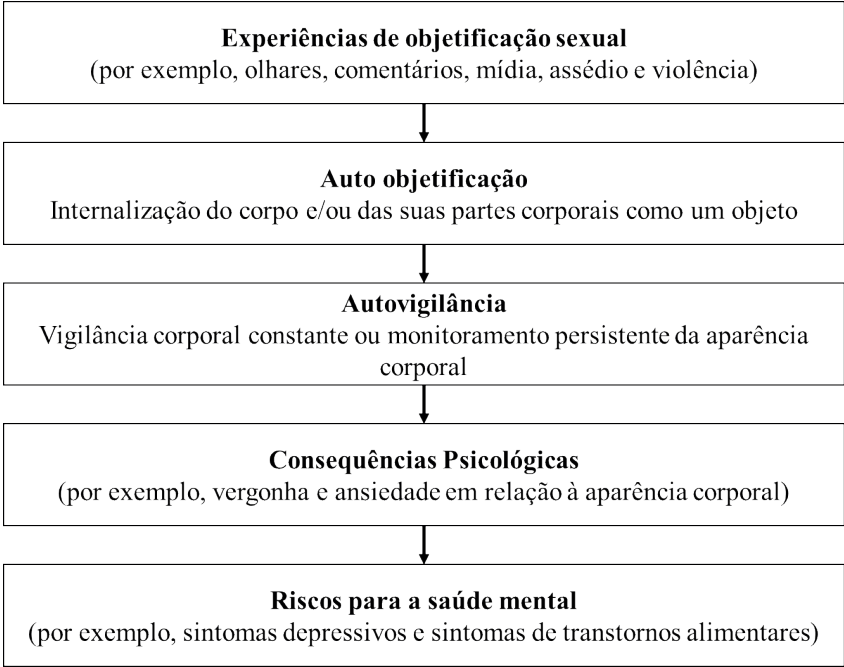
Historicamente, o desenvolvimento dos estudos acerca da imagem corporal está profundamente associado aos TAs (Cash; Pruzinsky, 2002). Porém, problematiza-se que, por muito tempo, essa psicopatologia foi estereotipada como “coisa de mulher”, o que influenciou diretamente o estudo do tema (Tylka, 2021). Podemos observar essa influência na forma como a insatisfação corporal foi originalmente definida (motivação para se tornar magra), nas medidas desenvolvidas para avaliação desse construto (escalas desenvolvidas para avaliar a motivação para a magreza), nos estudos conduzidos (as amostras foram predominantemente de mulheres brancas) e no desenvolvimento de modelos etiológicos (fatores relevantes para a magreza foram incluídos com prioridade) (Tylka, 2021). Entretanto, atualmente, um grande *corpus* de pesquisas tem buscado compreender o desenvolvimento da imagem corporal em diversas populações, incluindo homens cisgênero gays/bissexuais (Dahlenburg *et al.*, 2020; He *et al.*, 2020; Nowicki *et al.*, 2022; Simpson, 2024).

Nesse contexto, uma das principais perspectivas teóricas que tem buscado explicar a maior incidência/prevalência de distúrbios de imagem corporal em homens cisgênero gays/bissexuais é a teoria da objetificação sexual (Brewster *et al.*, 2017; Moradi, 2010; Parent; Moradi, 2011; Simpson, 2024; Wiseman; Moradi, 2010). Originalmente, a teoria da objetificação sexual foi desenvolvida para explicar o desenvolvimento da imagem corporal de mulheres, sendo definida como “as experiências de ser tratado como um corpo (ou uma coleção de partes corporais) valorizadas predominantemente por seu uso (ou consumo) por outras pessoas” (Fredrickson; Roberts, 1997, p. 174, tradução minha). Após a sua criação, essa teoria vem sendo investigada em diversas populações, de modo que, no presente trabalho ela será apresentada e discutida tendo como foco a população de homens cisgênero gays/bissexuais.

Para melhor compreensão da teoria da objetificação sexual, um modelo explicativo pode ser visualizado na Figura 3. Inicialmente, algumas experiências, como a exposição a imagens hipersexualizadas na mídia, olhares, comentários e assédio reduzem a compreensão das pessoas/dos seres aos seus corpos, suas partes corporais ou as suas funções sexuais (Fredrickson; Roberts, 1997). Quando ideais de atratividade são internalizados, os sujeitos podem desenvolver uma auto objetificação ou a adoção de uma perspectiva de observador em relação ao próprio corpo (Fredrickson; Roberts, 1997). Posteriormente, a auto objetificação se manifesta por meio da autovigilância corporal ou do monitoramento persistente da aparência corporal (“estou bonito[a]?”), em comparação às sensações (“como me sinto?”) e ao funcionamento corporal (“quais são minhas habilidades

físicas?”) (Fredrickson; Roberts, 1997). Nesse processo, os sujeitos enfrentariam algumas consequências, como o desenvolvimento de vergonha corporal e ansiedade em relação à aparência, que por sua vez, estão associados a maiores riscos para a saúde mental, como os sintomas de TAs (Fredrickson; Roberts, 1997; Wiseman; Moradi, 2010).

Figura 3 – Modelo explicativo da teoria de objetificação sexual



Fonte: Adaptado de Calogero, Tantleff-Dunn e Thompson (2011).

Tradução: Os autores (2025).

É notório que os homens, independente da orientação afetivo-sexual, valorizam em demasia a aparência física ao buscar um parceiro romântico (Wood, 2004). Assim, indivíduos que estão tentando atrair parceiros do sexo masculino são socializados a ver sua aparência física na perspectiva de um observador, ou seja, como um objeto sexual (Frederick *et al.*, 2022). Aumentando a complexidade dessa objetificação, no caso dos homens gays/bissexuais, eles são tanto os sujeitos quanto os executores da objetivação de outros homens, o que autores tem chamado de olhar gay masculino¹ (Wood, 2004).

Em homens cisgênero gays/bissexuais, a aparência corporal tem sido vista como uma ferramenta de atratividade física e sexual (Tiggemann; Martins; Kirkbride, 2007). Além disso, homens que se consideram moderada ou altamente pertencente à comunidade gay/bissexual experenciam níveis mais altos de insatisfação corporal e baixa autoestima

¹ Tradução livre, realizada pelo autor, do termo original: *Gay male gaze*.

(Kousari-Rad; McLaren, 2013). Não obstante, homens gays também demonstram uma maior internalização das pressões recebidas pelos pares, bem como relataram se sentirem mais julgados em relação à sua aparência e pensar sobre ela mais constantemente ao longo do dia em comparação aos homens heterossexuais (Frederick; Essayli, 2016; Frederick *et al.*, 2022). Verdadeiramente, um grande *corpus* de estudos indica que o envolvimento na comunidade gay/bissexual está associado a um risco aumentado para o desenvolvimento de distúrbios de imagem corporal² (Beren *et al.*, 1996; Doyle; Engeln, 2014; Green *et al.*, 2005; Kousari-Rad; McLaren, 2013; Tylka; Andorka, 2012).

Estudo de Davids e Green (2011) com homens gays ($n = 233$) identificou que as experiências de auto objetificação mediou completamente o relacionamento entre o envolvimento na comunidade gay, o senso psicológico de comunidade e a insatisfação corporal. A vigilância e o monitoramento corporal parece ser maior em (sub)grupos que são alvos do olhar masculino³, como é o caso dos homens cisgênero gays/bissexuais (Frederick *et al.*, 2022). Ademais, a atração sexual por homens, independente da orientação afetivo-sexual, tem se mostrado como um fator de risco para os desenvolvimentos de distúrbios de imagem corporal e TAs em homens cisgênero gays (Ruiz De Assin Varela; Caperos; Gismero-González, 2022).

Buscando compreender a extensão da teoria da objetificação sexual em homens de minoria sexual e de gênero, Wiseman e Moradi (2010) conduziram um estudo com 231 homens de diversos países (Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, Índia, Austrália, Bélgica, Indonésia, Iraque, Noruega, Portugal, África do Sul e Emirados Árabes). Eles identificaram que a internalização dos padrões culturais de atratividade mediou parcialmente o relacionamento entre as experiências de objetificação sexual e os comportamentos de vigilância/monitoramento corporal (Wiseman; Moradi, 2010). Por sua vez, a vigilância/monitoramento corporal mediou parcialmente o relacionamento entre a internalização dos padrões culturais de atratividade e a vergonha corporal (Wiseman; Moradi, 2010). Por fim, a vergonha corporal mediou parcialmente o relacionamento entre a vigilância/monitoramento corporal e os sintomas de TAs (Wiseman; Moradi, 2010).

Nocasodoshomenscisgênerogays/bissexuais, a imagem corporal socioculturalmente valorizada incluiu um corpo com adequada quantidade de massa muscular e um baixo índice de gordura corporal, no intuito de dar maior visibilidade à musculatura (Fogarty; Walker, 2022). Em resumo, o corpo idealmente valorizado por essa população seria em formato de “V”, com ombros largos, cintura fina e músculos abdominais bem definidos, o que os autores têm descrito como “ideal mesomórfico”⁴ (Tylka, 2021). Percebe-se que os

2 É importante mencionar que alguns estudos não identificaram relação entre o envolvimento na comunidade gay/bissexual e o desenvolvimento de distúrbios de imagem corporal (Levesque; Vichesky, 2006; Tiggemann; Martins; Kirkbride, 2007). Nesse sentido, Lebeau e Jellison (2009) destacam que às percepções e experiências de envolvimento na comunidade gay/bissexual apresentam grande diversidade, o que pode modular os resultados encontrados.

3 Tradução livre, realizada pelo autor, do termo original: *Male gaze*.

4 Tradução livre, realizada pelo autor, do termo original: *Mesomorphic ideal*.

homens de minoria sexual apresentam tanto uma elevada “busca pela magreza⁵” quanto uma elevada “busca pela muscularidade”, sendo que ambos os construtos são essenciais para compreensão da insatisfação corporal nessa população (Hunt; Gonsalkorale; Murray, 2013; Hunt; Gonsalkorale; Nosek, 2012).

A busca pela magreza envolve atitudes e comportamentos que expressam o grau de preocupação dos sujeitos com o peso, o tamanho e a forma corporal (Cooper; Cooper; Fairburn, 1985). Geralmente, a busca pela magreza é desencadeada quando existe uma discrepância perceptiva entre o peso corporal real e o idealizado pelos sujeitos (Cooper; Cooper; Fairburn, 1985). Homens cisgênero gays/bissexuais apresentaram maior busca pela magreza quando comparados aos homens e mulheres heterossexuais e as mulheres lésbicas (Ruiz De Assin Varela; Caperos; Gismero-González, 2022). Ademais, em homens, a busca pela magreza mediou completamente o relacionamento entre a atração sexual (homens *versus* mulheres) e a insatisfação corporal (Ruiz De Assin Varela; Caperos; Gismero-González, 2022). Os autores identificaram também que as pessoas atraídas por homens (independente da orientação afetivo-sexual) apresentaram maior busca pela magreza em comparação aqueles atraídos por mulheres (Ruiz De Assin Varela; Caperos; Gismero-González, 2022).

Ao comparar o estigma de peso entre homens cisgênero gays ($n = 351$), bissexuais ($n = 357$) e heterossexuais ($n = 408$), Austen, Greenaway e Griffiths (2020) identificaram que homens cisgênero gays/bissexuais experienciaram maior discriminação em relação ao peso e internalização do viés de peso comparado aos homens heterossexuais. Ademais, em homens cisgênero gays/bissexuais a internalização do viés de peso e a insatisfação corporal mediam o relacionamento entre as experiências de discriminação em relação ao peso e o pior bem-estar psicológico (Austen; Greenaway; Griffiths, 2020). A insatisfação com a gordura corporal tem sido associada a um maior comprometimento da qualidade de vida (Griffiths *et al.*, 2019).

No caso da busca pela muscularidade, ela tem sido caracterizada pelas atitudes e comportamentos que expressam o grau de preocupação dos indivíduos com sua muscularidade (McCreary; Sasse, 2000). Geralmente, esses indivíduos aprendem em seu contexto sociocultural, que um físico musculoso é altamente valorizado e desejável (Morrison *et al.*, 2006). Assim, elas começam a se comparar com outras pessoas para determinar se têm níveis adequados de muscularidade (Morrison *et al.*, 2006). Dessa forma, àquelas pessoas que se sentem pouco musculosas acabam se engajando em atitudes e comportamentos de busca pela muscularidade (Morrison *et al.*, 2006).

Ao observar os homens cisgênero gays, percebe-se que eles têm demonstrado uma maior busca pela muscularidade em comparação aos seus pares heterossexuais (Nerini *et al.*, 2016). As diferenças em relação à busca pela muscularidade associada à orientação afetivo-sexual não está totalmente esclarecida, mas autores acreditam que o

⁵ Tradução livre, realizada pelo autor, do termo original: *Drive for thinness*.

maior envolvimento na comunidade gay/bissexual exerce uma grande explicação para essa diferença, em especial, devido ao olhar gay masculino (Hunt; Gonsalkorale; Murray, 2013; Hunt; Gonsalkorale; Nosek, 2012).

Além das preocupações com a magreza e muscularidade, estudos evidenciam que homens cisgênero gays/bissexuais têm apresentado uma elevada preocupação com a altura, tamanho do pênis, quantidade, volume e distribuição dos pelos corporais (Griffiths *et al.*, 2019; Tran *et al.*, 2020). Embora se acredite que a imagem corporal pode apresentar diferenças em relação aos (sub)grupos que os sujeitos se identificam dentro da comunidade gay/bissexual, essas diferenças não foram observadas em um dos únicos estudos que avaliou essas diferenças (Fogarty; Walker, 2022). O único resultado encontrado é que pertencer a um (sub)grupo pode aumentar os comportamentos alimentares transtornados orientados à muscularidade (Fogarty; Walker, 2022).

O problema associado às experiências de objetificação sexual, bem como a internalização dos padrões culturais de atratividade (auto objetificação) é o fato de que ambos levam em consideração uma aparência que raramente pode ser alcançada sem a realização de comportamentos patológicos, como o comer transtornado, a prática de exercício excessivo e o uso de EAA (Brewster *et al.*, 2017). Em homens cisgênero gays/bissexuais, a busca pela magreza parece estar associada a uma série de variáveis, como, baixa autoestima (Hunt; Gonsalkorale; Nosek, 2012), maior homonegatividade/heterossexismo internalizado(a) (Badenes-Ribera; Fabris; Longobardi, 2018), sintomas de TAs e DM (Convertino *et al.*, 2022). Não obstante, a busca pela muscularidade nessa população tem sido associada a uma série de problemas de saúde, incluindo os sintomas de TAs, sintomas depressivos, maior risco sexual⁶ (Brennan; Craig; Thompson, 2012), uso de EAA, exercício excessivo (Brewster *et al.*, 2017) e sintomas de DM (Santos *et al.*, 2023). Essa associação também está presente em homens cisgênero gays/bissexuais do Brasil, onde a busca pela muscularidade apresentou uma associação positiva com os sintomas de TAs (De Oliveira Júnior *et al.*, 2023) e DM (Santos *et al.*, 2023).

Além da auto objetificação, os distúrbios de imagem corporal em homens cisgênero gays/bissexuais pode ser um efeito potencial da homofobia (Badenes-Ribera; Fabris; Longobardi, 2018). Nesse sentido, uma grande quantidade de indivíduos dentro da (sub)cultura gay/bissexual tem buscado apresentar-se “mais másculos/masculinos” por meio da aparência física (Halkitis, 2001). A busca pela muscularidade tem apresentado uma associação significativa com a homonegatividade/heterossexismo internalizado(a) (Badenes-Ribera; Fabris; Longobardi, 2018; Brennan; Craig; Thompson, 2012; Brewster *et al.*, 2017). Além disso, homens cisgênero gays/bissexuais que relatam ou temem ser estigmatizados são mais propensos a apresentar taxas mais altas de insatisfação corporal

⁶ No estudo de Brennan, Craig e Thompson (2012), o risco sexual foi avaliado investigando-se o tipo de relação sexual (anal/oral), o uso de preservativos, bem como se o parceiro era positivo ou negativo para HIV/Aids.

e estresse em alcançar um ideal de corpo masculino (Hamilton; Mahalik, 2009; Kimmel; Mahalik, 2005).

Levando em consideração essa relação, o desenvolvimento dos distúrbios de imagem corporal em homens brasileiros cisgênero gays/bissexuais é preocupante, visto que a população brasileira é altamente preconceituosa (Cardoso *et al.*, 2022a; Cardoso; Rocha, 2022; Cardoso *et al.*, 2022b). Por exemplo, em um estudo qualitativo desenvolvido com homens gays brasileiros, eles destacaram algumas experiências de homofobia no trabalho, que se manifestou por meio de comentários sarcásticos e ofensivos, barreiras impostas para o trabalho, dificuldade nos relacionamentos, intimidação e desestímulo à revelação da orientação afetivo-sexual e desligamento da empresa (Cardoso *et al.*, 2022a). Como mencionado anteriormente, só no ano de 2023 foram registradas um total de 230 mortes de pessoas LGBTQIAP+ por crimes de ódio (Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA; ABGLT, 2024). Não é por acaso que homens cisgênero gays/bissexuais do Brasil apresentam maior incidência de transtornos mentais e utilização de serviços dessa natureza quando comparados aos seus pares heterossexuais (Ghorayeb; Dalgalarrrondo, 2011). Diante do exposto, sugere-se que estudos futuros avaliem a relação entre as experiências de homonegatividade/heterossexismo internalizado(a) e a imagem corporal.

Além da insatisfação corporal, na última década, pesquisadores têm buscado compreender o desenvolvimento da imagem corporal positiva (Tylka, 2011a; Tylka; Wood-Barcalow, 2015a). Essa preocupação está associada ao fato de que ela tem se apresentado como um fator protetivo para uma série de transtornos mentais (Tylka; Wood-Barcalow, 2015a). Estratégias preventivas que reduzem aspectos da imagem corporal negativa, mas não adicionam aspectos às esferas positivas poderiam, na melhor das hipóteses, promover uma imagem corporal neutra (Alleva *et al.*, 2015; Guest *et al.*, 2019; Tylka; Wood-Barcalow, 2015a). Portanto, a imagem corporal positiva pode ajudar na melhora da apreciação e respeito com o próprio corpo, o que pode tornar os benefícios (eficiência e eficácia) das intervenções preventivas mais duradouros (Alleva *et al.*, 2015; Guest *et al.*, 2019).

A imagem corporal positiva tem uma apresentação multifacetada e envolve um sentimento de amor e respeito pelo próprio corpo, independente dele atender aos padrões sociais de como um corpo “deve” parecer ou funcionar (Tylka; Wood-Barcalow, 2015a). Em minorias sexuais e de gênero, a apreciação corporal, um dos principais componentes da imagem corporal positiva, tem apresentado uma associação positiva com o comer intuitivo, com as percepções de saúde física, mental e global (Soulliard; Vander Wal, 2019; 2022). Por outro lado, apresenta uma relação negativa com a insatisfação corporal, comer transtornado, purgação, restrição alimentar, exercício excessivo e atitudes negativas em relação à obesidade (Soulliard; Vander Wal, 2019; 2022). Semelhantemente, na população de homens cisgênero gays/bissexuais do Brasil, a apreciação corporal apresentou uma associação negativa com a auto objetificação (Almeida *et al.*, 2022; De Oliveira Júnior *et al.*, 2023; Santos *et al.*, 2023), objetificação dos pares (Santos *et al.*, 2023), internalização da

aparência ideal (Almeida *et al.*, 2022; De Oliveira Júnior *et al.*, 2023; Santos *et al.*, 2023), sintomas de TAs (De Oliveira Júnior *et al.*, 2023; Santos *et al.*, 2023) e DM (De Oliveira Júnior *et al.*, 2023; Santos *et al.*, 2023).

A associação inversa entre essas variáveis na população de homens cisgênero gays/bissexuais é teoricamente complexa, mas pode estar associada à redução da auto objetificação e internalização dos ideais de atratividade culturalmente estabelecidos. Por exemplo, na teoria da objetificação sexual os sujeitos internalizam um ideal de atratividade (“estou bonito[a]?”), deixando em segundo plano às sensações (“como me sinto?”) e o funcionamento corporal (“quais são minhas habilidades físicas?”). Por outro lado, a imagem corporal positiva direciona a atenção para as sensações e o funcionamento corporal (Alleva *et al.*, 2022), o que pode proteger os indivíduos de internalizarem o padrão de atratividade corporal culturalmente estabelecido, reduzindo a auto objetificação e, consequentemente, os efeitos negativos advindos dessa prática. Em homens, independente da orientação afetivo-sexual, a imagem corporal positiva foi um preditor da melhoria da satisfação corporal e redução da internalização da aparência ideal (Alleva *et al.*, 2022).

A imagem corporal positiva estimula os indivíduos a adotarem algumas atitudes positivas, como, por exemplo, apreciar a beleza única de seu corpo e as funções que ele realiza, aceitar e admirar seu corpo, inclusive com aspectos que são inconsistentes com os ideais corporais, sentir-se belo, confortável, confiante e feliz com o próprio corpo, enfatizar pontos positivos do corpo ao invés de imperfeições e interpretar informações recebidas de maneira protetora, internalizando informações positivas e rejeitando as negativas (Tylka, 2011a). Salienta-se que, a imagem corporal positiva e negativa são independentes e podem ocorrer de maneira simultânea (Alleva *et al.*, 2022; Tylka; Wood-Barcalow, 2015a). Por exemplo, uma pessoa pode estar satisfeita com o seu corpo de modo geral, mas insatisfeito com uma parte específica (Alleva *et al.*, 2022; Tylka; Wood-Barcalow, 2015a).

Evidencia-se que os homens cisgênero gays/bissexuais apresentam especificidades em relação à sua imagem corporal. Além disso, as alterações de imagem corporal são aspectos essenciais para o diagnóstico de diversos transtornos mentais, incluindo os TAs e os transtornos dimórficos corporais, como é o caso da DM (APA, 2013). Compreendendo que os TAs impactam significativamente a saúde física e o funcionamento psicossocial de homens cisgênero gays/bissexuais (Nagata; Ganson; Austin, 2020), essa psicopatologia será mais bem apresentada e discutida no próximo capítulo.

REFERÊNCIAS

ACONTECE ARTE E POLÍTICA LGBTI+; ANTRA; ABGLT. **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023**. Florianópolis, SC: Acontece Arte e Política LGBTI+, ANTRA, ABGLT, 2024.

ALLEVA, J. M. *et al.* A longitudinal study investigating positive body image, eating disorder symptoms, and other related factors among a community sample of men in the UK. **Body Image**, v. 41, p. 384-395, 2022.

ALLEVA, J. M. *et al.* A meta-analytic review of stand-alone interventions to improve body image. **PLoS ONE**, v. 10, n. 9, p. e0139177, 2015.

ALMEIDA, M. *et al.* Factor structure and psychometric properties of the Body Appreciation Scale-2 among Brazilian cisgender gay and bisexual men. **Body Image**, v. 42, p. 257-262, 2022.

APA. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders - Fifth edition (DSM – 5)**. 5ª ed. Washington, DC: American Psychiatric Association, 2013.

AUSTEN, E.; GREENAWAY, K. H.; GRIFFITHS, S. Differences in weight stigma between gay, bisexual, and heterosexual men. **Body Image**, v. 35, p. 30-40, 2020.

BADENES-RIBERA, L. *et al.* The association between muscle dysmorphia and eating disorder symptomatology: A systematic review and meta-analysis. **Journal of Behavioral Addictions**, v. 8, n. 3, p. 351-371, 2019.

BADENES-RIBERA, L.; FABRIS, M. A.; LONGOBARDI, C. The relationship between internalized homonegativity and body image concerns in sexual minority men: A meta-analysis. **Psychology & Sexuality**, v. 9, n. 3, p. 251-268, 2018.

BEREN, S. E. *et al.* The influence of sexual orientation on body dissatisfaction in adult men and women. **International Journal of Eating Disorders**, v. 20, n. 2, p. 135-141, 1996.

BLUNDELL, E. *et al.* Longitudinal pathways between childhood BMI, body dissatisfaction, and adolescent depression: an observational study using the UK Millenium Cohort Study. **The Lancet Psychiatry**, v. 11, n. 1, p. 47-55, 2024.

BRENNAN, D. J.; CRAIG, S. L.; THOMPSON, D. E. A. Factors associated with a drive for muscularity among gay and bisexual men. **Culture, Health & Sexuality**, v. 14, n. 1, p. 1-15, 2012.

BREWSTER, M. E. *et al.* "Do you even lift, bro?" Objectification, minority stress, and body image concerns for sexual minority men. **Psychology of Men & Masculinity**, v. 18, n. 2, p. 87-98, 2017.

CALOGERO, R. M.; TANTLEFF-DUNN, S.; THOMPSON, J. K. Objectification theory: An introduction. *In*: CALOGERO, R. M.; TANTLEFF-DUNN, S.; THOMPSON, J. K. (Orgs.). **Self-objectification in women: Causes, consequences, and counteractions**. Michigan: APA, 2011. p. 3-21.

CARDOSO, C. S. R. *et al.* Coming out y homofobia en el trabajo: Experiencias en Montes Claros-MG. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 22, n. 1, p. 1920-1928, 2022a.

CARDOSO, J. G. *et al.* Discriminação percebida e consequências emocionais da LGBTQIA+ fobia no consumo no Brasil. **Innovar**, v. 32, n. 85, p. 33-47, 2022b.

CARDOSO, J. G.; ROCHA, R. A. D. Do explícito ao sutil: Existe discriminação percebida pelo consumidor LGBTI+ no Brasil? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 20, n. 4, p. 483-499, 2022.

CASH, T. F. Body image: Past, present, and future. **Body Image**, v. 1, n. 1, p. 1-5, 2004.

CASH, T. F.; PRUZINSKY, T. (Eds.). **Body image: A handbook of theory, research, and clinical practice**. New York, NY: The Guilford Press, 2002.

COELHO, G. M. O.; PORTUGAL, M. R. C. Imagem corporal e transtornos alimentares. *In*: APPOLINARIO, J. C.; NUNES, M. A.; CORDÁS, T. A. (Ed.). **Transtornos alimentares: Diagnóstico e manejo**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2021. p. 71-96.

COOPER, Z.; COOPER, P. J.; FAIRBURN, C. G. The specificity of the Eating Disorder Inventory. **British Journal of Clinical Psychology**, v. 24, n. 2, p. 129-130, 1985.

CORNELISSEN, K. K. *et al.* Are attitudinal and perceptual body image the same or different? Evidence from high-level adaptation. **Body Image**, v. 31, p. 35-47, 2019.

DAHLENBURG, S. C. *et al.* Body image disturbance and sexual orientation: An updated systematic review and meta-analysis. **Body Image**, v. 35, p. 126-141, 2020.

DAVIDS, C. M.; GREEN, M. A. A preliminary investigation of body dissatisfaction and eating disorder symptomatology with bisexual individuals. **Sex Roles**, v. 65, p. 533-547, 2011.

DE OLIVEIRA JÚNIOR, M. L. *et al.* Psychometric properties of the Eating Disorder Examination Questionnaire among Brazilian cisgender gay and bisexual adult men. **International Journal of Eating Disorders**, v. 56, n. 4, p. 736-746, 2023.

DOYLE, D. M.; ENGELN, R. Body size moderates the association between gay community identification and body image disturbance. **Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity**, v. 1, n. 3, p. 279-284, 2014.

FOGARTY, S. M.; WALKER, D. C. Twinks, Jocks, and Bears, Oh My! Differing subcultural appearance identifications among gay men and their associated eating disorder psychopathology. **Body Image**, v. 42, p. 126-135, 2022.

FREDERICK, D. A.; ESSAYLI, J. H. Male body image: The roles of sexual orientation and body mass index across five national US Studies. **Psychology of Men & Masculinity**, v. 17, n. 4, p. 336-351, 2016.

FREDERICK, D. A. *et al.* Pathways from sociocultural and objectification constructs to body satisfaction among women: The US Body Project I. **Body Image**, v. 41, p. 195-208, 2022.

FREDRICKSON, B. L.; ROBERTS, T. A. Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. **Psychology of Women Quarterly**, v. 21, n. 2, p. 173-206, 1997.

GHORAYEB, D. B.; DALGALARRONDO, P. Homosexuality: Mental health and quality of life in a Brazilian socio-cultural context. **International Journal of Social Psychiatry**, v. 57, n. 5, p. 496-500, 2011.

GREEN, M. *et al.* Eating disorder prevention: An experimental comparison of high level dissonance, low level dissonance, and no-treatment control. **Eating Disorders**, v. 13, n. 2, p. 157-169, 2005.

GRIFFITHS, S. *et al.* Relative strength of the associations of body fat, muscularity, height, and penis size dissatisfaction with psychological quality of life impairment among sexual minority men. **Psychology of Men & Masculinities**, v. 20, n. 1, p. 55-60, 2019.

GROGAN, S. **Body image: Understanding body dissatisfaction in men, women and children**. 3th ed. London, UK: Routledge, 2016.

GROGAN, S. **Body image**: Understanding body dissatisfaction in men, women, and children. 4th ed. London, UK: Routledge, 2021.

GUEST, E. *et al.* The effectiveness of interventions aiming to promote positive body image in adults: A systematic review. **Body Image**, v. 30, p. 10-25, 2019.

HALKITIS, P. N. An exploration of perceptions of masculinity among gay men living with HIV. **The Journal of Men's Studies**, v. 9, n. 3, p. 413-429, 2001.

HAMILTON, C. J.; MAHALIK, J. R. Minority stress, masculinity, and social norms predicting gay men's health risk behaviors. **Journal of Counseling Psychology**, v. 56, n. 1, p. 132-141, 2009.

HE, J. *et al.* Body dissatisfaction and sexual orientations: A quantitative synthesis of 30 years research findings. **Clinical Psychology Review**, v. 81, p. 101896, 2020.

HUNT, C. J.; GONSALKORALE, K.; MURRAY, S. B. Threatened masculinity and muscularity: An experimental examination of multiple aspects of muscularity in men. **Body Image**, v. 10, n. 3, p. 290-299, 2013.

HUNT, C. J.; GONSALKORALE, K.; NOSEK, B. A. Links between psychosocial variables and body dissatisfaction in homosexual men: Differential relations with the drive for muscularity and the drive for thinness. **International Journal of Men's Health**, v. 11, n. 2, p. 127-136, 2012.

KARAZSIA, B. T.; MURNEN, S. K.; TYLKA, T. L. Is body dissatisfaction changing across time? A cross-temporal meta-analysis. **Psychological Bulletin**, v. 143, n. 3, p. 293-320, 2017.

KIMMEL, S. B.; MAHALIK, J. R. Body image concerns of gay men: The roles of minority stress and conformity to masculine norms. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 73, n. 6, p. 1185-1190, 2005.

KOUSARI-RAD, P.; MCLAREN, S. The relationships between sense of belonging to the gay community, body image dissatisfaction, and self-esteem among Australian gay men. **Journal of Homosexuality**, v. 60, n. 6, p. 927-943, 2013.

LEBEAU, R. T.; JELLISON, W. A. Why get involved? Exploring gay and bisexual men's experience of the gay community. **Journal of Homosexuality**, v. 56, n. 1, p. 56-76, 2009.

LEVESQUE, M. J.; VICHESKY, D. R. Raising the bar on the body beautiful: An analysis of the body image concerns of homosexual men. **Body Image**, v. 3, n. 1, p. 45-55, 2006.

MCCREARY, D. R.; SASSE, D. K. An exploration of the drive for muscularity in adolescent boys and girls. **Journal of American College Health**, v. 48, n. 6, p. 297-304, 2000.

MORADI, B. Addressing gender and cultural diversity in body image: Objectification theory as a framework for integrating theories and grounding research. **Sex Roles**, v. 63, p. 138-148, 2010.

MORRISON, T. G. *et al.* Striving for bodily perfection? An overview of the drive for muscularity. In: KINDES, M. V. (Ed.). **Body image**: New research. Hauppauge, NY: Nova Science Publishers, 2006. p. 1-34.

NAGATA, J. M.; GANSON, K. T.; AUSTIN, S. B. Emerging trends in eating disorders among sexual and gender minorities. **Current Opinion in Psychiatry**, v. 33, n. 6, p. 562-567, 2020.

NERINI, A. *et al.* Drive for muscularity and sexual orientation: Psychometric properties of the Italian version of the Drive for Muscularity Scale (DMS) in straight and gay men. **Psychology of Men & Masculinity**, v. 17, n. 2, p. 137-146, 2016.

NOWICKI, G. P. *et al.* Body image and associated factors among sexual minority men: A systematic review. **Body Image**, v. 43, p. 154-169, 2022.

PARENT, M. C.; MORADI, B. His biceps become him: A test of objectification theory's application to drive for muscularity and propensity for steroid use in college men. **Journal of Counseling Psychology**, v. 58, n. 2, p. 246-256, 2011.

PATERNA, A. *et al.* Internalization of body shape ideals and body dissatisfaction: A systematic review and meta-analysis. **International Journal of Eating Disorders**, v. 54, n. 9, p. 1575-1600, 2021.

RODGERS, R. F. *et al.* Body image as a global mental health concern. **Cambridge Prisms: Global Mental Health**, v. 10, p. e9, 2023.

RUIZ DE ASSIN VARELA, P. M.; CAPEROS, J. M.; GISMERO-GONZÁLEZ, E. Sexual attraction to men as a risk factor for eating disorders: The role of mating expectancies and drive for thinness. **Journal of Eating Disorders**, v. 10, n. 52, p. 1-10, 2022.

SANTOS, C. G. *et al.* Psychometric evaluation of the Drive for Muscularity Scale and the Muscle Dysmorphic Disorder Inventory among Brazilian cisgender gay and bisexual adult men. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 2, p. 989, 2023.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: As energias construtivas da psique. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1994.

SIMPSON, B. Assessing and understanding body image and body dissatisfaction in gay and bisexual men through objectification theory. **Sexual and Relationship Therapy**, v. 39, n. 2, p. 598-610, 2024.

SLADE, P. D. What is body image? **Behaviour Research and Therapy**, v. 32, n. 5, p. 497-502, 1994.

SOULLIARD, Z. A.; VANDER WAL, J. S. Measurement invariance and psychometric properties of three positive body image measures among cisgender sexual minority and heterosexual women. **Body Image**, v. 40, p. 146-157, 2022.

SOULLIARD, Z. A.; VANDER WAL, J. S. Validation of the Body Appreciation Scale-2 and relationships to eating behaviors and health among sexual minorities. **Body Image**, v. 31, p. 120-130, 2019.

THOMPSON, J. K. The (mis) measurement of body image: Ten strategies to improve assessment for applied and research purposes. **Body Image**, v. 1, n. 1, p. 7-14, 2004.

THURM, B. *et al.* Imagem corporal nos transtornos alimentares - conceitos, e abordagens das questões corporais. In: ALVARENGA, M. S.; DUNKER, K. L. L.; PHILIPPI, S. T. (Orgs.). **Transtornos alimentares e nutrição da prevenção ao tratamento**. 1ª ed. Barueri, SP: Manole, 2020. p. 207-234.

TIGGEMANN, M.; MARTINS, Y.; KIRKBRIDE, A. Oh to be lean and muscular: Body image ideals in gay and heterosexual men. **Psychology of Men & Masculinity**, v. 8, n. 1, p. 15-24, 2007.

TRAN, A. *et al.* "It's all outward appearance-based attractions": A qualitative study of body image among a sample of young gay and bisexual men. **Journal of Gay & Lesbian Mental Health**, v. 24, n. 3, p. 281-307, 2020.

TYLKA, T. L. Models of body image for boys and men. *In*: NAGATA, J. M. *et al.* (Eds). **Eating disorders in boys and men**. Berlim: Springer, 2021. p. 7-20.

TYLKA, T. L. Positive psychology perspectives on body image. *In*: CASH, T. F.; SMOLAK, L. (Eds). **Body image: A handbook of science, practice, and prevention**. New York, NY: The Guilford Press, 2011a. p. 56-64.

TYLKA, T. L.; ANDORKA, M. J. Support for an expanded tripartite influence model with gay men. **Body Image**, v. 9, n. 1, p. 57-67, 2012.

TYLKA, T. L.; WOOD-BARCALOW, N. L. The Body Appreciation Scale-2: Item refinement and psychometric evaluation. **Body Image**, v. 12, p. 53-67, 2015b.

WISEMAN, M. C.; MORADI, B. Body image and eating disorder symptoms in sexual minority men: A test and extension of objectification theory. **Journal of Counseling Psychology**, v. 57, n. 2, p. 154-166, 2010.

WOOD, M. J. The gay male gaze: Body image disturbance and gender oppression among gay men. **Journal of Gay & Lesbian Social Services**, v. 17, n. 2, p. 43-62, 2004.